

REVISTA OLORUN, n. 44, nov. de 2016

ISSN 2358-3320 – www.olorun.com.br

OLÓDÙMARÈ E A MORTE

Título original: *Olódùmarè and Man's Final Destiny*

E. Bolayi Idowu

Publicado como capítulo 14 do livro "*Olódùmarè, God in Yorùbá Belief*", A&B Books Publishers, Brooklim, New York, 1994 [1962].

Tradução: Luiz L. Marins

www.luizlmarins.com.br

Outubro de 2016

INTRODUÇÃO

Os lorubas reconhecem que o fim da vida aqui nesta terra como de séria importância. Este fim, é claro, envolve a questão do que será o homem após a presente vida. Toda religião tem que encarar esta questão escatológica e, aqui novamente, a resposta depende da concepção do homem sobre Deus.

A MORTE

A morte é uma questão perturbadora e desconcertante que envolve muitas coisas. O homem tem sido forçado, entretanto, desde que com ela familiarizou-se, a raciocinar sobre sua origem e seu propósito. Sobre isso, os lorubas como parte da humanidade, não são exceção e, de acordo com as evidências às nossas pesquisas, verificamos que ela é um assunto que eles pensam carinhosamente.

O nome para ela é *Ikú*, que além de ser uma designação para “morrer”, é também o nome para um poder personificado, o agente que os lorubas acreditam ser o responsável, com a autorização de *Olódùmarè*, matar e retirar as pessoas deste mundo. Perguntar sobre quando ele começou a agir na vida dos homens é um assunto que eles dão pouca importância, embora tenham mostrado alguma curiosidade sobre isso.

Existe a concepção inicial que *Ikú* começou a matar somente quando ele foi fortemente ofendido, quando sua mãe foi morta no mercado de *Ejìbò-Mekùn*, conforme registra o *odù òyèkù-méjì*:

Nw^{on} pa ìyàá ikú
S'ójà Ejìgbò-Mekùn
Ikú gbó n'lé,
Ikú han bi àg^{on} Il'óyè
Ikú han bi eyin arawo
O f'akèrekèrè se késé
O f'erè se bàtá
O f'oká s'òjàá
Ikú ta orí ìgbàá
Igbàá gbìrì'á n'lè
Ikú ta orí ègungun
Ègungun gbìrì'á n'lè

A mãe de *Ikú* foi morta
No mercado de *Ejìgbò-Mekùn*.
Ikú ficou sabendo disso na sua casa
Ikú guinchou como o (pássaro) *àg^{on}*¹ de *Il'óyè*
Ikú fez voltas como os ovos de *arawo*².
Ele fez dos escorpiões, suas esporas.
Ele fez da jiboia, seu sapato.
Ele fez da cobra, seu cinto.
Ikú caiu sobre a árvore *ìgbàá*³
ìgbàá se curvou ao chão.
Ikú caiu sobre a árvore *ègungun*⁴
Ègungun se curvou ao chão.⁵

¹ *Àg^{on}* é um símbolo da origem de um culto secreto ioruba. Seu caráter não é para ser conhecido por ninguém, passando a ideia de uma força sobrenatural não humana. (p. 187)

² *Arawo* é um pássaro carnívoro. (p. 187)

³ Nota do tradutor. Possivelmente trata-se de *Parkia Biglobosa*, sem nome em português. *Ewé*, Pierre Verger, pg. 704.

⁴ Nota do tradutor. Possivelmente refere-se à árvore *Èègun*, *Ceiba Petrandá*. Nomes em português: Mafumeira, Poilão, Polão, Sumaumeira. *Ewé*, Pierre Verger, pg. 543. Não confundir com *Eégun* ou *Egúngún*, espírito mascarado dos ancestrais.

⁵ Nota do tradutor. Traduzimos a partir do inglês. O autor não cita a fonte do mito.

Dizem que *Ikú* começou a matar porque sua mãe foi morta! Não há melhores explicações na crença tradicional ioruba sobre a origem da morte. A crença comum é que *Ikú* é uma criação de *Olódùmarè*: ele foi criado com o propósito específico de chamar de volta todas as pessoas cujo tempo na terra está completo. Por isso, ele é conhecido como *òjísé òrun* (aquele que executa uma tarefa). Eles pensam que o momento final da morte é como se fosse um débito que todos precisam pagar. O mesmo que dizer que a morte é inevitável e o último passo de toda pessoa que vem para este mundo.

A crença ioruba é que a morte existe para os idosos e toda pessoa deveria viver até a terceira idade. Assim, quando um jovem morre, eles consideram que isto é uma tragédia e celebram de manhã. Porém, a morte de um idoso é uma ocasião para alegrias porque a pessoa foi chamada e seus filhos estão vivos para enterrá-lo.

Por causa da crença que a morte é feita para chamar primeiro os idosos, os lorubas dizem: “*Ikú kì’pa ni, ayò l’o npa ni*” (*Ikú* não mata, é o excesso que mata). Isto, é claro, refere-se a uma pessoa que teve uma morte prematura ou violenta por causa de suas ações descontroladas, que é diferente de uma morte chamada normal ou natural: o chamado da casa.

Apesar da morte ser inevitável, os lorubas acreditam na crença que ela pode ser adiada através da intervenção de *Òrúnmìlà*, ou de qualquer outra divindade. Um mito narra que:

“O segredo de *Ikú* não era conhecido, mas *Èṣù*, astuciosamente, subornou o filho de *Ikú*, que contou que a maneira como *Ikú* matava violentamente, era com um porrete, sendo esta a fonte do seu poder sobre os homens, e que, se fosse tirado dele, ele ficaria sem poderes.

O próximo passo de Èsù foi subornar Ajàpã, a tartaruga, para ajudá-lo. Ajàpã, numa única e inteligente ação tomou o porrete de Ikú. Pela primeira vez, Ikú ficou sem poderes como foi falado, e todos alegraram-se, cantando:

*Ajàpã gb'òrúkú l'owó ikú
Aiye Ifè d'òfe*

Ajàpã tirou o porrete das mãos de Ikú,
Ifè está livre da aflição.⁶

Posteriormente, entretanto, Ikú fez um pacto com Òrúnmilà, com a condição que ele o ajudasse a recuperar seu porrete, e que ele respeitaria a intervenção de Òrúnmilà, sempre que uma de suas vítimas se colocasse sob sua proteção. O mito conclui dizendo que, daí em diante, Ikú levaria somente aqueles que não se colocassem sob a proteção de Òrúnmilà, e aqueles que já tiverem chegado a hora de voltar (para o òrun).⁷ ”

No fundo, entretanto o loruba sabe que pouco pode ser feito para adiar a morte quando chegou o momento. Por isso, o ditado: Àrùn l'a'wo, a k'wo Ikú “Uma doença pode ser curada, mas a morte não pode ser curada”. Isto é, alguém pode tratar uma doença com remédios, mas não fazer isso com a morte. Um verso do *odù Iròsùn-Osò* começa com estas três linhas:

*Aidé Ikú l'á nb'òsun
Aidé Ikú là nb'Òòsà
B'Ikú bá dé, Ikú 'ò gb'ebò*

Quando não é a hora de Ikú, eles oferendam Òsun
Quando não é a hora de Ikú, eles oferendam Òrìsà

⁶ Ifè representa o centro do mundo ioruba (pg. 188)

⁷ O mito é mais para enfatizar a importância e poder de Òrúnmilà, do que para explicar a morte (pg. 188).

Mas quando chega a hora de *Ikú*, ele não aceita oferendas

Outro verso de de *Iwòrì-Òṣā* diz:

*Ikú ìbã gb'owó,
Owó l'à bã san.
Òjṣé òrun kì'gb'owo.*

Se *Ikú* aceitasse suborno
O suborno nós pagaríamos,
Mas *Òjṣé òrun* não aceita suborno.

Assim, a crença dos Iorubas é que, mais cedo ou mais tarde, todos devem morrer. A morte é uma passagem inevitável para a existência terrestre do homem.

DEPOIS DA MORTE

O que vem a ser o homem depois da morte? Esta é a questão que tem procurando todas as religiões através dos tempos. “Após a morte, o que? ”. É o enigma que encara a própria vida. E toda religião, cada uma da sua forma, e de acordo com sua concepção sobre a constituição essencial da vida, encontrou uma resposta.

A morte não é fim da vida. É somente a maneira pela qual a presente existência terrestre é trocada por outra. Após a morte, entretanto, o homem passa para a vida no além “*Èhìn-Ìwà*” (Vida-Depois – vida no além).

Èhìn-Ìwà, é uma força vital mais importante do que a da vida presente, não importando o quanto próspero tenha sido (a pessoa). Por isso, os Iorubas dizem: *Èhìn-Ìwà tí's'ègbõ òní* - a “vida no além” é muito superior que a vida atual. Seja o que for que fizermos nesta, devemos fazê-lo pensando na vida futura: *Nitorí Èhìn-Ìwà l'a se òní l'õre* (É por conta da “vida no além” que fazemos o bem no dia de hoje).

Na “vida no além”, aqueles que terminam (seu tempo) continuarão vivendo. Esta crença é demonstrada de muitas formas:

A) Ansiedade ou medo da antecipação:

O ioruba idoso olha para frente com ansiedade ou medo da antecipação do que pode estar esperando-o na nova vida, onde ele receberá de acordo com seus atos. É comum ouvir um idoso dizer: *Mo nre'lé* - “Eu estou indo para casa”, ou *Ilé ti yá* - “Eu estou pronto para (voltar para) casa”, significando que eles estão preparados para morrer e entrar na “vida após a morte”. Às vezes ouvimos um idoso falando dos amigos e parentes que já foram. Quando perguntados, dizem: “aqueles que estão do outro lado”.

B) Enterros e ritos funerários:

Há variações em detalhes de um lugar para o outro, mas a finalidade e a rotina são os mesmos. Os ritos, da forma como são feitos, deixam claro que os vivos acreditam fortemente que os que morreram estão somente fazendo uma viagem, tendo como objeto final, a outra vida.

Assim que a pessoa morre, o primeiro rito é sacrificar uma galinha, que é chamada *Adig-irànò* - o pagamento da galinha. Esta é um meio de “abrir o caminho” para ele. Quando o cadáver é colocado no caixão, um inhame pilado é preparado e colocado aos seus pés: isto é uma comida para o morto. Durante o velório, filhos e parentes se reúnem em volta, cada um trazendo panos, aves e animais. O corpo é envolto com os panos para que o morto os utilize na próxima vida.

Quando o corpo é baixado no túmulo, seus parentes aproximam-se e o louvam lembrando seu cargo familiar, trazendo animais para sacrifício, normalmente um bode ou cabra, oferecendo-os através de um oficiante, pedindo ao morto para que aceite, pedindo que ele não durma no *òrun*, mas que olhe por todos os seus filhos e familiares, provendo suas necessidades e ajudando em suas dificuldades. Outras pessoas amigas

que não são parentes, também enviam presentes para agradecer e lembrar as coisas que, em benefício de todos, ele fez antes.

O oficiante agora realiza os ritos de sacrifícios, partindo nozes de cola e colocando as oferendas alimentares ao lado do corpo, dentro do túmulo. Este rito é conhecido como *Bíba òkùú ya'hùn* – Fazendo um acordo com o morto.

Entretanto, a parte essencial é o momento de dizer adeus ao morto, comunicando-lhe que agora não está mais em sua antiga forma terrena, lembrando seu dever de proteger e cuidar de seus filhos, parentes e amigos; que ele não deve molestar a ninguém, nem permitir que alguém o empregue para fazer trabalhos errados; que ele agora está indo para ter uma vida feliz no céu, e não deve participar de nenhuma coisa indigna.

Alguns dias após o enterro, há outro rito conhecido como *Fífa eégún òkùú wo'le* – Trazer o espírito do morto para dentro da casa. Com isto, acredita-se, os familiares serão estão habilitados a interagir com o morto. O rito é feito à noite, sem luzes artificiais. Um pequeno templo é feito em um dos cantos da parede centra da casa, que vem a ser o ponto de encontro entre o morto e seus filhos, que passarão a fazer-lhe oferendas, conversar com ele, pedir favores, entrar em acordo ou fazer um juramento sobre os ossos representativos. É claro que, além deste lugar, os iorubas acreditam, de uma forma geral, que eles podem conversar com o morto em qualquer lugar, assim como ele pode estar em qualquer lugar que ele quiser, pois agora está livre das limitações impostas pela vida física.

C) Sonhos e aparições:

Os iorubas acreditam que os mortos podem ser vistos em sonhos ou tranSES, e que eles podem transmitir informações ou explicações, dar instruções sobre os problemas sérios da família. Eles podem também enviar mensagens através de outras pessoas ou através de certos cultos dos seus costumes. Nas estradas e nos lugares solitários, ou durante a noite, acredita-se que os mortos podem aparecer para a pessoa, ou para dar

orientações, ou para molesta-la. Uma endecha loruba que podemos citar como ilustração é a seguinte:

O di gbére!

O d'árinnàkò!

O d'aju àlà á!

Esta é uma longa despedida!

Agora é um assunto para nos encontrarmos na estrada!

Agora é um assunto para os sonhos!

É claro que existem aqueles que afirmam que o pensamento dos mortos continua a viver na vida após a morte, e que eles não têm nada mais para fazer com aqueles que ainda estão aqui. Esta visão fica explícita nos ditados que dizem:

Enit'o kú kò w'èhin mó

Enit'o kú ti re Òkè-Odò: o fi f'ówò rọ igi ìgbàgbé

O morto não pensa nas coisas que ele deixou para trás.

O morto passou para o outro lado do rio: ele colocou sua mão na árvore do esquecimento.

Esta visão ganha adeptos especialmente quando as coisas não vão bem para os que estão vivos e os ancestrais parecem estar surdos para suas orações. Mas, está muito longe de ser uma visão geralmente aceita, ou ter alguém que concorde com seus autores.

D) Comunhão com os ancestrais:

Veremos agora o real significado do fenômeno chamado "Culto Ancestral", e o motivo da absoluta convicção de que aqueles que partiram deste mundo apenas trocaram sua vida por outra.

Como consequência de terem passado desta vida para outra, os mortos foram libertados de todas as restrições impostas neste mundo. Assim, eles agora são detentores de ilimitadas potencialidades que eles podem utilizar para o benefício ou malefício daqueles que ainda vivem na Terra. Por este motivo, é necessário mantê-los em estado de apaziguamento.

Mas isto é somente incidental. Primariamente, culto ancestral é algo que se estende ao infinito para todas as famílias do mundo. Aqueles que morrem não permanecem no túmulo. Seus corpos se decompõem, de fato, mas eles permanecerão com seus “eus” essenciais à parte dos corpos terrestres. De fato, os lorubas acreditam que o morto permanece ao lado do corpo e assiste todos os ritos funerários. Eles não deixam a casa e seus locais usuais durante alguns dias após o enterro, até que sejam feitos alguns ritos essenciais.

Isto é devido à crença que o morto não está realmente no túmulo, pois os loruba não possuem a doutrina da “ressurreição do corpo”, isto é, não acreditam no conceito escatológico que os mortos se levantarão dos túmulos no “final dos tempos”.

Para o loruba, o que acontece imediatamente após a morte é que, após as realizações dos rituais necessários, os mortos passam pelo portão espiritual entrando no reino dos ancestrais, para receberem o julgamento devido. Assim, os mortos nunca ficam nos túmulos. Eles continuam sendo os pais e as mães que sempre foram antes de sua morte, capazes de exercerem suas funções parentais, embora agora mais poderosos e desembaraçados, sobre seus descendentes.

Os lorubas costumam dizer: *Bàbá mi* (meu pai), ou *Ìyá mi* (minha mãe), quando eles falam sobre seus pais falecidos. Ainda, quando o espírito do morto está dentro da casa, eles não dizem: “estou indo falar com o espírito do meu pai”; eles dizem: “estou indo falar com meu pai. Assim, o espírito do morto continua tendo o mesmo tratamento que ele tinha quando era o chefe da família, na Terra.

Isto mostra que o “Culto dos Ancestrais” é uma nomenclatura errada, pois de fato não há “culto”, mas a manifestação de um inquebrável relacionamento familiar entre os pais que partiram deste mundo, e seus descendentes que continuam ainda aqui. Um verso do *odù ogbè’rosùn* diz que uma pessoa deve cumprir seus deveres de filho para com os pais falecidos, de forma que possa ter muitos filhos para olhar por eles.

E) *Egúngún e Orò*

Estes dois cultos são meios de demonstrar de forma mais concreta a crença que aqueles que partiram desta terra continuem a existir em algum lugar e estão ativamente “em contato” com aqueles que ainda estão aqui.

Egúngún designa o espírito do morto com o qual se relaciona no templo dos ancestrais. Materializa-se dentro de uma rústica roupa especialmente paramentada para dar a impressão que o morto está fazendo uma aparição temporária na terra. Esta aparição pode ser de um ancestral específico. Se for este o caso, o rito de “criar” o *egúngún* é realizado no décimo quarto dia após o enterro, e após isto, sua aparição será feita periodicamente, uma vez ao ano, pelo menos.

Egúngún simboliza justamente a ampla concepção geral de vida após a morte, com os quais aqueles que ainda estão na terra mantêm uma íntima e ativa ligação; neste sentido, o *egúngún* é um *ará-òrun* (um ser do mundo espiritual). Para preservar a ilusão que o *Egúngún* é um *ará-òrun*, o personagem é completamente coberto com um paramento, mas que não esconde suas principais características físicas. Ele pode ver apenas através de uma grossa rede trançada e fala com rouca. Ninguém, exceto poucos autorizados, podem chegar perto, ou toca-los.

Orò também representa os ancestrais, entretanto, seu símbolo é generalizado. A característica que o distingue de *Egúngún* é sua voz que é uma bramadeira⁸ que se usa

⁸ Nota do tradutor. Um instrumento sagrado chamado *Isé-Orò* amarrado por uma corda, que ao ser agitado no ar produz um som similar ao “mugido” - ver imagens.

em locais abertos, à noite, geralmente no mato. Há poucos locais onde *Orò* se materializa como mascarados, nestes casos, a mulheres são retiradas quando *Orò* se aproxima.

Os lorubas enfatizam a concepção que ambos, *Egúngún* e *Orò* são comuns. Em apoio a isto há uma história, entre outras, que diz que:

“*Egúngún* e *Orò* foram amigos íntimos, sendo *Orò* o mais velho. Eles eram lavradores, e suas mulheres eram encarregadas de venderem os produtos da fazenda no mercado. Mas, enquanto a mulher de *Egúngún* era habilidosa e econômica e comprava panos para seu marido, a mulher de *Orò* era gastona, comprando comidas e bugigangas.

Um dia *Egúngún* resolveu sair, colocou seus panos, e chamou *Orò* para ir com ele, mas não tinha panos para *Orò* colocar. Então *Orò* percebeu a falha da sua mulher. Por causa disto ele pegou um chicote e começou a chicoteá-la. A mulher, entretanto, fugiu, correndo, recebendo apenas poucas chicotadas. Isto foi uma vergonha para ele que não pode correr atrás dela, pois estava nu. Assim, ele começou a chama-la com sua voz “*bunn’bun*”⁹ para completar as chicotadas que ela deveria merecidamente ter recebido.

Este mito circula, é claro, somente naqueles lugares onde *Orò* nunca se materializa como figura mascarada. O motivo é claro: o propósito é mostrar que *Orò* e *Egúngún* são irmãos gêmeos.

F) Reexistência parcial

É quase certo que não existe crença em reencarnação no sentido clássico entre os lorubas, isto é, no sentido que reencarnação é “a passagem da alma de um corpo para outro”, e que a boa sorte da alma em cada existência dependerá do seu comportamento

⁹ Nota do tradutor. Som emitido pela bramadeira (*Isé Orò*) ao ser agitada no ar (ver imagens).

na existência anterior.¹⁰ Quando os lorubas dizem *àtúnwá* (aquele que volta a existir) na realidade não parece ser nada igual a isto.

A crença dos lorubas sobre aqueles que partiram deste mundo é que, uma vez que eles entraram na “outra vida”, ali permanecem. Os vivos, e seus descendentes podem manter uma inquebrável relação com eles, especialmente se eles foram boas pessoas na Terra, e morreram naturalmente.

Todavia, podemos ser confrontados com o paradoxo da crença dos lorubas que um ancestral “reexistiu” em seu neto, ou bisneto, e que faremos algumas considerações:

1º. Os lorubas dizem que, ainda que o ancestral esteja reexistindo, ele continua a existir no “outro mundo”, com todas as suas qualidades ancestrais, é cultuado, e todos aqueles que estão vivos podem comunicar-se com ele.

2º. Os lorubas dizem que ele pode reexistir não apenas em “um” neto ou bisneto, mas em “vários” ao mesmo tempo, que são irmãos, primos, tios e sobrinhos, ao infinito, e apesar de todos estes renascimentos, o morto permanece completamente em sua vida no “outro mundo”.

Na tentativa de obtermos alguma luz sobre este paradoxo, nos ajudará primeiro examinar o processo pelo qual um ancestral “reexistido” é identificado.

Quando uma criança está com três dias de nascido, o oráculo é consultado. Este rito é conhecido como “*Mímọ Orí Qmọ*” (conhecendo a cabeça da criança) ou, *Gbíggbọ Orí Qmọ* (ouvindo a cabeça da criança), de forma que é o oráculo que declara qual ancestral está “reexistindo”. Agora, isto é significativo: este rito tem a finalidade de saber qual ancestral está “reexistindo”.¹¹

¹⁰ *Encyclopedia of Religion and Ethics*, vol. 12, p. 425. (p. 194)

¹¹ Nota do tradutor. Chief Awodele Ifayemi chama este ato de “*Imori*”. Ver: <https://luzmarins.files.wordpress.com/2016/08/chief-awodele-ifayemi-diz.pdf>

A reexistência de um ancestral é conhecida como *Yíya Qm̄o* “voltar a ser criança” ou, “voltar a ser encarnado”.¹²

É tido como bom presságio de grandes bênçãos quando os pedidos da família que acompanhou o enterro são: “*A yá l’ówó rē o* (Possa ele vir a ser seu filho); *Aya’mo fun o* (Possa ele vir como filho para você). Há também a prece *Awõya a kún orí eni o* (Possa seu retorno ser como um filho que enche a esteira, isto é, cheio de prosperidade).

Ao que parece, então, temos aqui uma clara crença que o *orí* dos ancestrais transmigram para o corpo da nova criação. Nós estamos desconcertados, pois, de acordo com este sistema, nenhum descendente poder ter o monopólio do *orí* ancestral. Neste caso temos que escolher entre a impossibilidade de transmigração do *orí*; e a possibilidade de que *orí* pode “distribuir-se” infinitamente. Nenhuma destas alternativas parece levar-nos a algum lugar.

Assim, *Mím̄o Orí* ou *Gbígbo Orí* e *Yíya Qm̄o* não podem ser tomados como determinantes na crença da reexistência, tecnicamente falando. Tudo que eles parecem estabelecer é a crença que existem características de uma linhagem dominante que se preserva através dos nascimentos, assegurando a continuidade da existência vital de uma família ou clã. Esta visão é embasada pelo fato que, não é desconhecido entre os iorubas uma criança que o oráculo tenha dito, que ele é reexistência de alguém que está vivo: tal pessoa é conhecida como *afaikúyà* (aquele que voltou a ser sem morrer).

Depois que tudo isto foi dito, temos que admitir, em conclusão, que existem muitas coisas sobre nós mesmos que ainda não sabemos. Precisa ser dito sobre este assunto que existem possibilidades que vão além da nossa compreensão. Interessante é a hipótese de F. W. H. Myers sobre “eu subliminar” a qual modifica e sugeri a ideia “que há mais vida em nossa alma total do que sabemos”, e que “alguma outra parte de nós mesmos pode reexistir”.¹³

¹² Geoffrey Parrinder (1951, p. 123) traduz *Yiyà* como “bater uma foto” no seu *West African Psychology*. (p. 195)

¹³ Geoffrey Parrinder, *West African Psychology*, p. 220. Para um esclarecimento do assunto “eu subliminal) ver: *The Religions Consciusness*, de J. B. Pratt, New Yor, Macmillan, 1946, p. 46 e ss. (p. 195).

Os nomes *Babátúndé* (o pai que retorna) e *Yétúndé* (a mãe que retorna) e outros nomes da mesma categoria que especifica o retorno de um (a) ancestral particular são muito sugestivos. Embora *Gbígbo Orí* e *Yíya Omó* possam incluir muitas pessoas como “parciais reexistências” juntas do mesmo ancestral, nenhum destes nomes é repetido em mais de uma criança. *Babátúndé* é o nome de um menino nascido imediatamente após a morte de seu avô, e *Yétúndé* o nome de uma menina nascida imediatamente após a morte de sua avó. Nenhuma outra criança além destes dois poderá ser *Babátúndé* ou *Yétúndé*, ou qualquer outro nome com este significado, em referência para o mesmo (a) ancestral.

Voltando ao ponto desta discussão, o qual não é a resolução de um paradoxo, mas o fato que existe este aparente paradoxo, o qual é um sólido fundamento sobre o qual os lorubas baseiam sua crença na realidade concreta da vida após a morte.

ONDE É, ESTA VIDA APÓS A MORTE?

De uma forma geral dizem que as variadas opiniões que existem são fracas sobre este assunto. Existem aqueles que acreditam que morrer é somente trocar neste Terra, e o morto continua a existir em outro local afastado de sua origem, começando uma nova vida. Ele pode casar, ter filhos, construir casas, começar negócios levando uma nova existência normal, até que ele, ou morre novamente, ou muda-se porque suas ações foram descobertas por pessoas que o conhecem em sua origem. Estórias sobre isto são muitas entre os lorubas. É claro que esta crença fala da ação do “fantasma de um morto”.¹⁴

Uma variante desta crença é que somente os maus e aqueles que não completaram seu tempo de vida na Terra, e que, portanto, não podem ser recebidos no céu, que

¹⁴ Nota do tradutor. Trata-se do conceito loruba de *àkúdàáyà*. Ver: Luiz L. Marins. “Àkúdàáyà, o morto vivo na crença loruba”. In: *Revista Olorun*, n. 44, novembro de 2016 – www.olorun.com.br.

continuam a viver em alguma parte da Terra. Isto explica como a mente do loruba pode acomodar a crença, e como *Ajiran*, *Ilè Ifè* e alguns poucos lugares especiais na lorubalândia arranjam lugares para o morto. Isto particularmente responde a principal questão envolvida na crença dos lorubas na existência de *Eléréè* ou *Emèrè*, o qual acredita-se ser a causa do fenômeno *àbiíkú*, o qual é uma clara noção de metempsicose¹⁵ dentro da crença dos lorubas.

A real crença ortodoxa dos lorubas no assunto da “vida após a morte”, entretanto, é que existe um lugar definido além da Terra para onde os mortos vão. O nome geral para este lugar é *òrun*, que tem o significado genérico de céu, paraíso, onde *Olódùmarè* e os *Òrìṣà* moram.

Com referência à “vida após a morte”, os lorubas falam em dois *òrun*: o primeiro *òrun* é *òrun rere* (bom), *òrun funfun* (branco) e *òrun Bàbã Eni* (do nossos pais). O segundo é *òrun buburu* (feio), *òrun buruku* (ruim) e *òrun àpãdì* (quebrado). *Òrun* “quebrado” é um depósito de lixo espiritual onde são depositadas as coisas quebradas e estragadas.¹⁶

Os mortos são destinados para um destes dois lugares conforme o julgamento de *Olódùmarè*. Observamos que um dos motivos que fazem de *Olódùmarè* uma realidade para os lorubas, é o seu julgamento imparcial. Há uma forte convicção que os pecados não ficarão impunes e que o julgamento será completo. Eles dizem sobre uma pessoa que sofre sem solução: *Ìwà ré l’o nf’iyà jèjè* (É o seu caráter que traz sofrimento para ele), ou *Aò mọ ohun tí ó ti se tí Olórun nfi egba rẹ nà a* (Nós não sabemos o motivo porque *Olódùmarè* o aflige).

Mas o julgamento que os lorubas temem mais é aquele que espera cada pessoa, primeiro no fim da vida na Terra, que envolve a agonia da morte, e “depois da morte”

¹⁵ Nota do tradutor. Crença na transmigração das almas de um corpo para outro.

¹⁶ A noção de *Òrun Iná* (inferno) não é originalmente, loruba. Foi introduzida pelo Islam e pelo Cristianismo. Ver também Parrinder, *Est African Psychology*, pg. 107. (pg. 197).

quando o veredito final de *Olódùmarè* será conhecido.¹⁷ Por este motivo, quando o loruba pensa no fim, eles pensam duas vezes antes de agirem.

Sobre isso temos aqui duas citações do *odù corpus*:

Òyèkú méjì:

K'eni hù'wa gbèdègbèdè,

K'eni lè kú pèlèpèlè

K'omò eni lè n'owó gbogbogbo

Le'ni sin

Que possamos ter um caráter de colaboração,
Que possamos morrer gentilmente,
Que nossos filhos possam nos estender as mãos,
Sobre nós no funeral.

Quando a pessoa chega na “vida após a morte”, ali ele encontra o julgamento final. Ele tem agora que dar contas de como ele usou sua vida terrestre, particularmente no que se refere ao seu caráter. O julgamento é diante de *Olódùmarè* ou *Òbátálá*, o que vem a ser a mesma coisa, pois *Òbátálá* é o único que representa *Olódùmarè*. Os lorubas dizem:

Gbogbo ohun ti a bá se l'aiyé

L'a o kunlè rò l'òrun

A ó ro'jò l'èsè Èdùmarè

A ó ro'jò l'èsè Òbátálá l'òrun

Todos nós que estamos sobre a *ayé*,
Nos ajoelharemos no *òrun*,
Seremos julgados aos pés de *Olódùmarè*

¹⁷ Nota do tradutor. Este parece ser mais um conceito cristão do autor, do que a crença dos lorubas. O temor dos lorubas na vida pós morte é o julgamento de seus ancestrais, e não de *Olódùmaré*.

Seremos examinados diante de Obàtálá, no òrun.

Então, a pessoa terá um lugar no bom òrun, o lugar de nossos pais, ou será enviado para o mau òrun, de acordo com o veredito de Olódùmarè. Este é o destino final.

Para concluir, consideraremos a qualidade de vida na “vida depois da morte”. Geralmente, o Ioruba pensa que o homem mau sofre indefinidamente e miseravelmente neste òrun ruim. A vida ali é triste parecida com os piores lugares da terra. Durante as palavras finais de despedida do morto, os Iorubas dizem:

Má mà j'òkùn

Má mà j'ekòlòó

Ohun ti nwon nje l'òrun

Ni kí o mã bá wón je

Tenha certeza que não se alimentará de centopeias,

Tenha certeza que não se alimentará de vermes,

O que as pessoas comem no òrun

É isto que deverá comer.

Isto significa que ele deverá ir para o bom òrun onde os ara-òrun se alimentam de coisas boas, e não para o òrun ruim. Em resposta alguém poderá dizer:

Má j'òkùn

Má j'ekòlòó

Ilé ayé ni'ti'ba ni'lò

Não comer centopeias (depois da morte),

Não comer vermes (depois da morte),

Isto depende do caráter da pessoa enquanto vivo no mundo.

No geral, entretanto, a ideia dos lorubas sobre a “vida após a morte” se define sempre pelo total de coisas boas, indo os mortos quase sempre para o bom òrun. Assim que eles passam o portão do outro mundo, todos os seus parentes que foram antes deles vem para encontra-los dando-lhes as boas-vindas. Se uma pessoa foi boa, feliz e próspera, sua “vida após a morte” também será uma cópia aumentada do que foi na terra. De fato, a vida no òrun é maior e mais livre, sem os aborrecimentos terrestres. Para os lorubas, o grande benefício de ir para o òrun é encontrar seus parentes e amigos que foram antes dele.

Òrun Bábàà Èni é, entretanto, o lugar onde ele pode descansar e gozar da companhia de seus parentes como recompensa pela sua bondade na terra. Isto é certamente algo que conforta alguém que está no fim da vida. Com esta crença, o loruba que só fez o bem pode encarar a expectativa da “vida após a morte” com tranquilidade, sabendo que no òrun é o lugar onde continuará vivendo com “os seus”, pois estará “de volta para casa”.

Ikú pa Abíri, Abíri kú,

È ni kò si nkan;

Ikú pa Abìrìí, Abìrìí r'òrun

È ni kò si nkan;

Ibití Ikú ti pa Ògíní

Láí eiyè'ò de bẹ̀ jẹ̀

È sị tún nwipé kò si nkan!

Nwọ̀n ni:

“Kò si nkan”

“È Awo kì'kú”

“Awo kì'rùn”

“Nșe l'awo mã nlo si Ìtunlà”

“Ìtunlà, ilé awo.”

Ikú matou Abíri, Abíri morreu,

Vocês dizem que não há nada errado.

Ikú matou *Abírí*, *Abìrìí* foi para o *òrun*,
Vocês dizem que não há nada errado.
O lugar onde *Ikú* matou *Ògíní*,
Os pássaros nunca mais voltaram ali para se alimentarem.
Vocês ainda dizem que não há nada errado!
Eles responderam:
“Não há nada errado”.
“O *awo* não morre,”
“O *awo* não vê a corrupção.”
“O *awo* vê somente o *Ìtunlà*,”
“*Ìtunlà* é a casa do *awo*.”^{18 19}

~~~~~

---

<sup>18</sup> *Ìtunlà* – local onde as coisas boas nunca terminam, onde tudo de bom é sempre renovado. Longa vida.

<sup>19</sup> *Awo* – o iniciado em qualquer sociedade secreta, que detém o segredo da longa vida e da felicidade.

IBOJI – Tumulo da família no quintal



Figura 1 - Iboji, Ijabo 2015. Crédito: Willys Omowale.

EGÚNGÚN – Espirito ancestral materializado visitando os descendentes.



Figura 2 - Egúngún. Local n/s. Crédito Oyotunji.

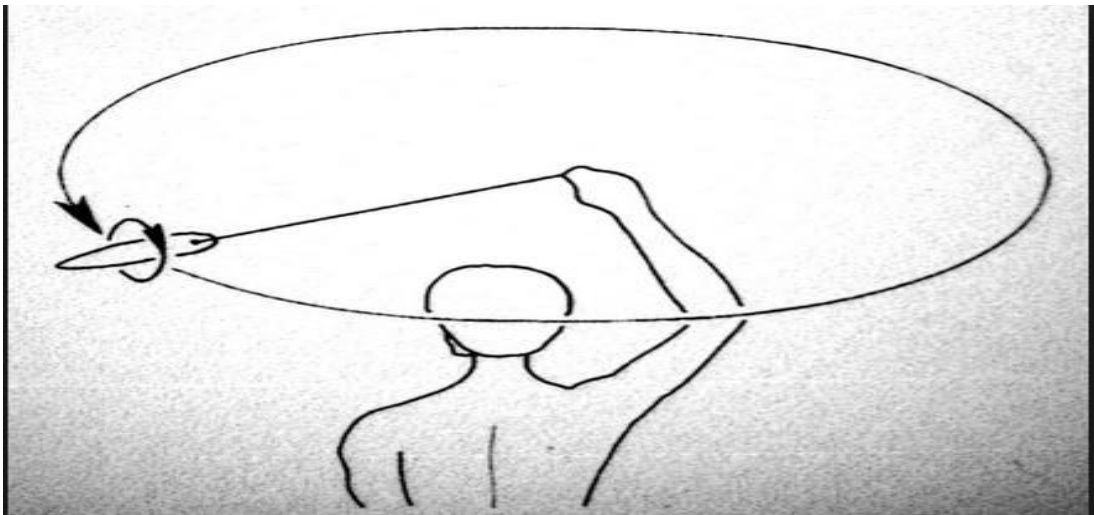
<http://www.oyotunji.org/uploads/8/1/8/0/8180161/1400260509.jpg>

### ISÉ ORÒ (Instrumento de Orò)



[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/06/Bull\\_roarers.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/06/Bull_roarers.jpg) (Imagem inserida pelo tradutor)

### ISÉ ORÒ – Forma de utilizar



<https://centralbankofjokes.com/wp-content/uploads/2015/06/Bullroarer.jpg> (Imagem inserida pelo tradutor)